



SEÇÃO: DOSSIÊ

O pan-americanismo e o projeto de construção de um passado comum para os países das Américas: uma análise das atividades da União Pan-Americana através da coleção *Pan-American Patriots*

Pan Americanism and the project of building a common past for the countries of Americas: an analysis of the activities of the Pan American Union through the Pan American Patriots Collection

El panamericanismo y el proyecto de construir un pasado común para los países de las Américas: un análisis de las actividades de la Unión Panamericana a través de la Colección Pan American Patriots

Gabriela Correa da Silva¹

orcid.org/0000-0002-4542-3205
gabriela.correa@ifsc.edu.br

Recebido em: 19 nov. 2019.

Aprovado em: 18 mai. 2020.

Publicado em: 21 dez. 2020.

Resumo: Este artigo se divide em duas seções. A primeira delas é dedicada ao estudo da União Pan-Americana, com ênfase para a apresentação de seus objetivos centrais. Um destes objetivos foi a busca por criar um sentimento de unidade entre os diferentes países das Américas. Na segunda seção será analisada uma publicação da União Pan-Americana – a coleção intitulada “Pan-American Patriots”². Neste artigo será argumentado que a União Pan-Americana buscou fomentar a ideia de pan-americanismo, a qual ganha um passado que, a partir de então, passa a abarcar boa parte dos países das Américas. O artigo se insere na área da história da historiografia e parte das análises desenvolvidas pelos estudos decoloniais.

Palavras-chave: Pan-americanismo. História da historiografia. Estudos decoloniais.

Abstract: This article is divided into two sections. The first section is dedicated to the study of the Pan American Union, with emphasis on the presentation of its central objectives. One of these goals was to create a sense of unity among the different countries of Americas. In the second section, a publication from the Pan American Union will be analyzed - the collection entitled “Pan American Patriots”, will be analyzed. In this article it will be argued that the Pan American Union sought to foster the idea of pan-Americanism, which gains a past that has since embraced much of the countries of the Americas. The article is included in the area of the history of historiography and is based on the analyzes developed by the decolonial studies.

Keywords: Pan-americanism. History of historiography. Decolonial studies.

Resumen: Este artículo está dividido en dos secciones. El primero de ellos está dedicado al estudio de la Unión Panamericana, con énfasis en la presentación de sus objetivos centrales. Uno de estos objetivos era la búsqueda de crear un



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC), São Carlos, SC, Brasil.

² O processo de datação desta coleção merece uma nota explicativa. Os documentos foram consultados e fotografados no acervo da Columbus Memorial Library, em Washington D.C. As duas primeiras biografias tinham a data de 1926 na capa e foi possível encontrar outras publicações que as citavam informando esta data como sendo da publicação original. Estes dados, associados a outras referências paratextuais, me levaram a atribuir o ano de 1926 à coleção. Ao retomar a análise das fontes, porém, identifiquei em uma das biografias uma remissão à período posterior ao ano de 1926. Desse modo, registro aqui que a publicação da coleção se estende para além dessa data. A fim de colaborar com a sua datação, indico que ela não pode ultrapassar o ano de 1936, visto que na capa das biografias há o nome do Diretor-Geral da União Pan-Americana, Leo Rowe, bem como do Diretor Assistente, Esteban Gil Borges. Segundo informações disponíveis no site da Organização dos Estados Americanos, Gil Borges permaneceu no cargo até o dia 19 de maio de 1936. Com isso, os dois primeiros números da coleção serão aqui referenciados com a data de 1926. Os demais, porém, levarão indicação de data apenas do século: [19--]. Agradeço pela análise desenvolvida pelos(as) pareceristas, a qual tornou possível a abertura de questões que podem ser melhor exploradas em desdobramentos futuros.

sentido de unidad entre los diferentes países de las Américas. En la segunda sección, se analizará una publicación de la Unión Panamericana - la colección titulada "Los Patriotas Panamericanos". En este artículo se argumentará que la Unión Panamericana buscó fomentar la idea del panamericanismo, que gana un pasado que desde entonces ha abarcado gran parte de los países de las Américas. El artículo se enmarca dentro del área de la historia de la historiografía y parte de los análisis desarrollados por los estudios descoloniales.

Palabras clave: Panamericanismo. Historia de la historiografía. Estudios descoloniales.

Introdução

O estudo apresentado neste artigo foi desenvolvido como parte de uma pesquisa de doutorado. O fenômeno do *pan-americanismo* é aqui entendido conforme proposto por Ricardo Salvatore (2016): um ideário, formulado pelos Estados Unidos nas últimas décadas do século XIX, que propunha a cooperação intelectual, cultural, política e comercial entre os países das Américas.

A União Pan-Americana foi, para isso, uma instituição estratégica. Os eventos internacionais, manifestos especialmente nas Conferências Pan-Americanas e nos congressos científicos, também ocuparam espaço de destaque. A recepção da agenda pan-americana variou muito conforme o país. Há, no entanto, algumas estratégias recorrentes, as quais atravessaram tempos e espaços. Podemos incluir entre tais estratégias a relevância que assume a construção de um discurso baseado no conhecimento histórico, o qual era visto como peça fundamental para a constituição de uma ideia de passado comum para os povos do continente.

Para desenvolver a análise aqui proposta, este artigo parte das considerações de Anibal Quijano (2009) e de Walter Mignolo (2007, 2010) sobre a construção da colonialidade do saber e acerca da constituição da ideia de América Latina. Desse modo, é possível afirmar que, sob a justificativa de incluir todas as nacionalidades das Américas – as quais excluíam vastas camadas da sua população, uma vez que, em sua maioria, buscavam as suas

origens na Europa –, o discurso pan-americano reúne as nacionalidades excludentes em um manto supranacional, o qual reserva um espaço privilegiado aos norte-americanos, autorrepresentados como os detentores do receituário da modernização e do progresso. Ele é, nesse sentido, uma extrapolação do discurso das elites *criollas* do século XIX, as quais aderiram à conveniente ideia de *latinidade* para reafirmar o seus laços com a Europa, especialmente com a França. Uma das consequências disso, segundo Walter Mignolo (2007), foi recalcar as presenças indígena e africana na composição dos jovens Estados.

A mudança que se opera no discurso pan-americano é que o elemento a ser ressaltado é o norte-americano, a América anglo-saxônica. Ela que é o norte e o guia, não mais a Europa. É uma definição do que é ser americano (do Sul ou do Norte) que se dá pela negação. É *não ser* afro-americano, nem nativo-americano/indígena. Sugere-se aqui que, ao prevalecer este discurso do *não ser*, todos aqueles *que são*, ou seja, a maioria da população no caso de muitos Estados do continente americano, quando não são relegados à obliteração, acabam por ter sua figura apresentada de modo desbotado no retrato continental.

Dessa forma, podemos afirmar que a ideia de pan-americanismo, a qual era pouco inclusiva em relação aos povos indígenas e à população de origem africana, parece uma forma de dar continuidade e acentuar a ideia conservadora e eurocêntrica de latinidade, a qual estava, desde fins do século XIX, perdendo espaço para as vertentes mais críticas de pensamento sobre a América Latina³.

Para os propósitos deste artigo opto por ressaltar que, para que o pan-americanismo tomasse forma, houve significativo investimento por parte de múltiplos atores. Tal investimento se manifesta em um fenômeno complexo e amplo. Considerando os limites deste texto, nas linhas a seguir será analisada a conduta de um destes atores: a União Pan-Americana.

³ Ver, nesse sentido, Mignolo (2007); Wasserman e Devés-Valdés (2010).

A União Pan-Americana

"A moral é que os Estados da América não são rivais hostis, mas amigos cooperativos, e que seu crescente senso de comunidade de interesse, principalmente em matéria de política e de economia, é provável que lhes dê novo significado como agentes nos assuntos internacionais e na história política do mundo [...]. Separados, eles estão sujeitos a todas as correntes de confusão política em um mundo de rivalidades hostis. Unidos em espírito e propósito, eles não podem ser desviados de seu destino pacífico. Isso é pan-americanismo. Não há espírito de Império nele. Ele é a corporificação do espírito de lei e de Independência, liberdade e serviço mútuo".⁴

(WILSON; WOODROW, 1915 apud ROWE; LEO, 1940, p. 200, tradução nossa)

Durante a Primeira Conferência Internacional Americana, realizada em Washington D.C. (outubro de 1889 a abril de 1890), foi criada a "União Internacional das Repúblicas Americanas para a pronta coleta e distribuição de informações comerciais", com sede naquela cidade. Alguns anos depois, esta união tornou-se a "União Pan-Americana".

Os boletins mensais publicados pela UPA são valiosas fontes para compreendermos as atividades ali desenvolvidas⁵. Em um breve informe, impresso na coleção que será analisada adiante e também em alguns de seus boletins, o órgão assim se apresenta:

A UNIÃO PAN-AMERICANA é a organização e escritório internacional mantido em Washington, D.C., pelas vinte e uma repúblicas americanas que seguem: Argentina, Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, Cuba, República Dominicana, Equador, Guatemala,

Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Peru, Salvador, Estados Unidos, Uruguai e Venezuela. É dedicada ao desenvolvimento do comércio, relações de amizade, bom entendimento e a preservação da paz entre os países. É mantida pelas quotas destinadas por cada país, baseadas em sua população. Suas relações são administradas por um Diretor Geral e um Diretor Assistente, eleitos e responsáveis por um Conselho Diretor, o qual é composto pelo Secretário de Estado dos Estados Unidos e pelos representantes diplomáticos dos outros governos americanos em Washington. Estes dois diretores executivos são assessorados por um conjunto de especialistas internacionais, estatísticos, editores, tradutores, compiladores, bibliotecários, estenógrafos e funcionários. A União publica mensalmente boletins em Inglês, Espanhol e Português, os quais são cuidadosos registros do *progresso* Pan Americano. Também publica diversos relatórios especiais e folhetos de países, cidades, mercadorias, etc., da América Latina. Sua biblioteca, a Columbus Memorial Library, contém 57.000 volumes, 227.000 cartas indexadas, e uma vasta coleção de mapas. Há também uma coleção de 26.000 fotografias, diapositivos e negativos. A União está sediada em um belo edifício construído por meio da generosidade de Andrew Carnegie e das contribuições das Repúblicas Americanas (ALFARO, 1926, p. 1, grifo nosso, tradução nossa).⁶

Em um texto publicado no *Boletim*, do ano de 1940, intitulado "The Pan-American Union (1890-1940)" (a sigla em português é UPA) – em formato de editorial, sem assinatura de autoria individual –, podemos acompanhar o processo de institucionalização da UPA, desde quando era chamada de "Bureau", passando pela construção de sua sede, até chegar à análise das suas atividades. Este texto, estruturado de forma linear, explica os diferentes aspectos do trabalho da instituição.

⁴ Do original: The moral is, that the states of America are not hostile rivals but cooperating friends, and that their growing sense of community of interest, alike in matters political and in matters economic, is likely to give them a new significance as factors in international affairs and in the political history of the world [...]. Separated, they are subject to all the cross-currents of the confused politics of a world of hostile rivalries; united in spirit and purpose, they cannot be disappointed of their peaceful destiny. This is Pan Americanism. It has none of the spirit of empire in it. It is the embodiment, the effectual embodiment, of the spirit of law and independence and liberty and mutual service.

⁵ A maioria das fontes aqui citadas foram acessadas a partir da consulta ao acervo do Columbus Memorial Library, localizado em Washington D.C. A Columbus Memorial Library pertence à Organização dos Estados Americanos (OEA) e possui uma vasta coleção de livros, periódicos, fotografias, arquivos e documentos que registram a origem e a evolução da Organização, desde o seu começo como União Internacional das Repúblicas Americanas (1889), passando por União Pan-Americana (1910) até sua consolidação em OEA, em 1948.

⁶ Do original: THE PAN AMERICAN UNION is the international organization and office maintained in Washington, D.C., by the 21 American Republics, as follows: Argentina, Bolivia, Brazil, Chile, Colombia, Costa Rica, Cuba, Dominican Republic, Ecuador, Guatemala, Haiti, Honduras, Mexico, Nicaragua, Panama, Paraguay, Peru, Salvador, United States, Uruguay, and Venezuela. It is devoted to the development of commerce, friendly intercourse, good understanding, and the preservation of peace among these countries. It is supported by quotas contributed by each country, based upon their populations. It affairs are administered by a Director General and Assistant Director, elected by and responsible to a Governing Board, which is composed of the Secretary of State of the United States and Diplomatic representatives in Washington of the other American Governments. These two executive officers are assisted by a staff of international specialists, statisticians, editors, translators, compilers, librarians, stenographers, and clerks. The Union publishes Monthly Bulletins in English, Spanish, and Portuguese, which are careful records of Pan American progress. It also publishes numerous special reports and booklets on countries, cities, commodities, etc., of Latin America. Its Library, the Columbus Memorial Library, contains 57,000 volumes, 227,000 index cards, and a large collection of maps. There is also a collection of 26,000 photographs, lantern slides, and negatives. The Union is housed in a beautiful building erected through the munificence of Andrew Carnegie and the contributions of the American Republics.

Por um lado, a UPA servia como grande centro de informações, não apenas para os governos, mas também para os cidadãos dos países, membros da União, os quais podiam consultá-las a qualquer hora. O primeiro trabalho do Bureau foi a publicação do *Handbook of the American Republics*, em janeiro de 1891, o qual continha informações sobre sistemas de crédito, leis de comércio, açúcar e café, negócios em frutas e castanhas, pesos e medidas etc. Diversos guias foram publicados, sobre diferentes países das Américas. A publicação do *Boletim* mensal começou em outubro de 1893. A partir de 1910 houve mudança quanto ao *Boletim*, que passou a conter artigos de interesse mais amplo e também mais ilustrações, sendo amplamente distribuído, especialmente para os representantes diplomáticos e para as Bibliotecas de todas as vinte e uma repúblicas.

Outro dado relevante é que a UPA era responsável por publicar o conteúdo e os resultados das Conferências Pan-Americanas. Além disso, também fornecia materiais para os clubes de mulheres (UNIÃO PAN-AMERICANA, 1940, p. 206), bastante usuais nos Estados Unidos da primeira metade do século XX. Pelo que podemos inferir da leitura dos Boletins da UPA, estes clubes, assim como o público estadunidense em geral, demonstrava crescente interesse por conhecer e consumir a cultura latino-americana.

Dessa forma, é possível afirmar que, ao mesmo tempo em que fomenta o estabelecimento do interesse doméstico pelas questões interamericanas, este organismo também responde a uma eminente demanda interna por conhecimento do mundo localizado ao sul dos Estados Unidos – esta curiosidade, inclusive, parte

de (e alimenta) um imaginário fantasioso, exotizante e estereotipante da América Latina. De qualquer modo, é importante destacar que os trabalhos da União Pan-Americana estimulavam o intercâmbio cultural e educacional entre os países das Américas. O trecho abaixo é elucidativo desse fenômeno:

Em 1917 a correspondência com instituições educacionais, educadores e estudantes na América do Norte e do Sul tornou-se tão volumosa que a Seção de Educação foi estabelecida sob o comando direto do Diretor Assistente. Entre suas primeiras atividades esteve uma *campanha em prol do estudo das línguas espanhola e portuguesa e da literatura e história latino-americanas em escolas e universidades dos Estados Unidos; a publicação de artigos educacionais; assistência de estudantes da América Latina nos Estados Unidos; cooperação com instituições educacionais, científicas e culturais, bem como associações pelas Américas; a preparação de estudos sobre aspectos da educação no hemisfério*. Depois que a seção se tornou uma divisão separada em 1924, seu escopo continuou a se expandir e em 1929 seu nome foi alterado para DIVISÃO DE COOPERAÇÃO INTELECTUAL, a qual coletava e disseminava informação sobre vários aspectos do movimento cultural das vinte e uma repúblicas americanas no que se refere aos campos da educação, ciência, literatura e artes. Ela também contribuiu para criar relações mais próximas e frutíferas entre indivíduos e instituições engajadas nos vários aspectos da vida intelectual no continente; encorajou a tradução e publicação de artigos e livros indicativos do *progresso* cultural nas Américas; promoveu viagens interamericanas por indivíduos ou grupos de educadores, cientistas, e outros profissionais – homens e mulheres; patrocinou o intercâmbio de exposições de arte, trabalhos e correspondências entre escolas; publicou, em espanhol e em português, panfletos técnicos sobre tópicos educacionais; em inglês, espanhol e português uma revista mimeografada sobre atividades culturais pelo continente. O nome da edição em inglês é *Panorama*. Esta divisão também edita uma ou duas vezes ao ano uma publicação mimeografada, em espanhol e português, contendo itens de interesse dos professores latino-americanos" (UNIÃO PAN AMERICANA, 1940, p. 207-208, grifo nosso, tradução nossa).⁷

⁷ Do original: By 1917 the correspondence with educational institutions, educators and students in both North and South America had become so voluminous that a Section of Education was established under the direct charge of the Assistant Director. Among its early activities were a campaign on behalf of the study of the Spanish and Portuguese languages and literatures and Latin American history in schools and colleges of the United States; cooperation with educational, cultural, and scientific institutions and associations throughout the Americas; and the preparation of studies on aspects of education in this hemisphere. After the section became a separate division in 1924, its scope continued to widen, and in 1929 its name was fittingly changed to the DIVISION OF INTELLECTUAL COOPERATION. It collects and disseminates information in the various aspects of the cultural movement in the twenty-one American republics, concerning itself with the fields of education, science, literature and arts. It also contributes to bringing about closer and more fruitful relations between individuals and institutions engaged in the various aspects of intellectual life on the continent; encourages the translation and publication of articles and books indicative of the cultural progress in the Americas; promotes inter-American travel by individuals or groups of educators, scientists, and other professional men and woman; sponsors the exchange of art exhibitions, school work, and school correspondence; and publishes in Spanish and Portuguese technical pamphlets on educational topics, and in English, Spanish and Portuguese a mimeographed review on cultural activities throughout the continent. The name of the English edition is *Panorama*. This division also issues once or twice a year in Spanish and Portuguese a mimeographed publication containing items of interest to Latin American teachers.

Esta campanha pelo estudo das línguas e da história latino-americana estava associada aos objetivos centrais da UPA, os quais se vinculavam ao incentivo ao "espírito de solidariedade e cooperação" entre os países das Américas. Este órgão era, como podemos ver, o principal propagandista do pan-americanismo. Veremos, adiante, que o passado latino-americano será amplamente mobilizado a fim de difundir a ideia de que o princípio da "união continental" estaria inserido na longa duração do tempo histórico das Américas.

Isso fica ainda mais evidente quando lemos o texto "The Pan-American Union and the Pan-American Conferences", de Leo S. Rowe, diretor geral da UPA por cerca de vinte anos,⁸ também publicado no *Boletim*.⁹ Neste artigo, o autor explicita a relação entre a promoção do pan-americanismo e as atividades desenvolvidas pela União Pan-Americana. Para tanto, ele inicia abordando o tema desde Simón Bolívar.

Para Rowe, entre os principais serviços prestados às repúblicas Americanas por Simón Bolívar, nenhum mereceria tanto destaque quanto sua liderança em convocar o Primeiro Congresso de Estados Americanos, em 1826. Ele teria, neste momento, visto claramente a importância de desenvolver um espírito de cooperação e unidade entre as nações do continente. Embora sua proposta de "Tratado de União, Liga e Confederação Perpétua" não tenha surtido efeito, a ideia de uma união das repúblicas americanas não caiu no esquecimento, "mas por

sucessivos passos tomou forma em um sistema de cooperação internacional sem paralelos na história" (ROWE, 1940, p. 193, tradução nossa)¹⁰.

O diretor da UPA enfatiza a histórica preocupação com a segurança internacional. Analisa as conferências de 1856 (Santiago e Washington), bem como o Congresso de Estados Hispânicos, ocorrido no Peru (1864). O autor argumenta que nessas ocasiões vários tratados foram assinados, mas nenhum foi ratificado, de modo que ainda que a ideia de cooperação Pan-Americana não tenha sido perdida durante o meio século que precedeu a Conferência de Washington de 1889, os resultados dessas iniciativas pontuais eram escassos. Assim, esse teria sido o começo do efetivo esforço para assentar as bases para uma organização internacional permanente das Repúblicas Americanas: "A partir de 1889 a história da União Pan-Americana refletiu com grande clareza as profundas mudanças que tomaram espaço nas relações interamericanas durante os últimos cinquenta anos" (ROWE, 1940, p. 195).¹¹

O fechamento do texto de Leo Rowe é marcado pela citação da epígrafe que abre esta seção, cujo autor é o ex-presidente dos Estados Unidos (1913-1921), Woodrow Wilson. A mensagem se pretende intensa e apaziguadora: não há espírito de imperialismo no Pan-americanismo. Ele é a corporificação do espírito de liberdade e serviço mútuo. Essa referência busca, obviamente, solidificar a narrativa de que a aproximação entre os países das Américas só traria benefícios a todos.

⁸ Sobre ele, R. Salvatore afirma: "De 1920 a 1946, Leo S. Rowe, um cientista político da Universidade da Pensilvânia, atuou como diretor da União Pan-Americana, a instituição que canalizou pontos de vista e políticas dos EUA em questões de integração hemisférica e que foi a precursora da Organização dos Estados Americanos. Foi estadista-estudioso, promotor do pan-americanismo e coletor de conhecimento em escala hemisférica (SALVATORE, 2010a). Seu obituário (1946) apresentou-o como o principal defensor da amizade, compreensão e solidariedade interamericanas (WELLES, 1947; HILL, 1947). Durante seu contato inicial com a América do Sul (1906-1908), Rowe reconheceu o progresso feito pela Argentina, pelo Brasil e pelo Chile no governo constitucional e no crescimento econômico. Assim, ele combateu o conceito errôneo dos EUA de que os países ao sul do Panamá eram terras de revoluções recorrentes. Bem antes do advento da Política da Boa Vizinhança, Rowe promoveu a cooperação dos EUA com as "repúblicas do sul" nos campos da cultura, do direito e da educação. De fato, ele foi o primeiro estudioso a articular uma estratégia coerente de 'cooperação intelectual' com elas." (SALVATORE, 2016, p. 48-50, tradução nossa). Do original: From 1920 to 1946, Leo S. Rowe, a political scientist at the University of Pennsylvania, served as the director of the Pan-American Union (PAU), the institution that channeled U.S. views and policies in matters of hemispheric integration and that was the precursor of the Organization of American States. He was a scholar-states-man, a promoter of Pan-Americanism, and a knowledge-gatherer on a hemispheric scale (Salvatore 2010a). His obituary (1946) presented him as the foremost advocate of inter-American friendship, understanding, and solidarity (Welles 1947; Hill 1947). During his early contact with South America (1906-1908), Rowe acknowledged the progress made by Argentina, Brazil and Chile in constitutional government and economic growth. He thus combated the U.S. misconception that the countries south of Panama were lands of recurrent revolutions. Well before the advent of the Good Neighbor Policy, Rowe promoted U.S. cooperation with the "southern republics" in culture, law, and education. Indeed, he was the first scholar to articulate a coherent strategy of "intellectual cooperation" with them.

⁹ ROWE, L. S. The Pan-American Union and the Pan-American Conferences. *Boletim* da União Pan-Americana, 1940, 74, p. 193-200.

¹⁰ Do original: but by successive steps has taken shape in a system of international cooperation unparalleled in history.

¹¹ Do original: From 1889 on, the history of the Pan American Union reflects with great clearness the profound changes that have taken place in inter-American relations during the last fifty years.

É preciso destacar, contudo, que não é apenas o texto do diretor da UPA que está fortemente marcado pela ideia de que o pan-americanismo significava o melhor caminho a seguir para todos os países das Américas, não sendo essa uma escolha individual. Em diversos informes do *Boletim* da organização, assim como no texto anteriormente citado,¹² somos expostos a uma série de argumentos que buscam fazer crer nas motivações genuinamente cooperativas dos defensores do pan-americanismo. A ideia de representatividade de todas as repúblicas no empreendimento da União Pan-Americana é um elemento-chave desse discurso.

Segundo a narrativa institucional da União Pan-Americana, essa busca por contemplar a todos não ocorreu desde o ano da Primeira Conferência Pan-Americana, mas sim de forma gradual: no começo, quando ainda era o "Bureau Comercial das Repúblicas Americanas", o órgão estava sob a supervisão dos EUA. Aos poucos, porém, os primeiros passos foram dados no sentido de fornecer-lhe "bases internacionais." A partir da Conferência de Buenos Aires, de 1910, tornou-se "União Pan-Americana", quando o Conselho Diretor passou a ser composto por um representante de cada república. Isso é apresentado por essa fonte como sendo um grande avanço nas relações interamericanas.

Mas seria possível, em um conjunto de países tão assimétricos entre si, alcançar uma representatividade factual e material? Jorge Minella (2013), nesse sentido, chama a atenção para a dificuldade de realização disso que era propagandeado nos documentos produzidos pela própria organização, visto que: "Para esta visão são desconsideradas por completo as diferenças de poder econômico e militar que, por sua vez, se desdobram em força política dentro da organização, fazendo com que as "vozes e os votos" não sejam assim tão equivalentes" (MINELLA, 2013, p. 76).

As considerações de Ricardo Salvatore (2016) são, nesse aspecto, valiosas. Como vimos, o autor afirma que o período de 1890 a 1945 corresponde à construção das instituições e ideais pan-americanos. O crescente engajamento dos acadêmicos e estudiosos no pan-americanismo contribuiu para a constituição de um Império informal dos Estados Unidos na América do Sul (região geograficamente localizada ao sul do Panamá). O autor data a consolidação dos estudos latino-americanos neste período (e não no período posterior à Revolução Cubana, como muitas análises fazem). O estabelecimento desta *conquista imperial informal*¹³ foi bastante tributário do trabalho dos intelectuais, uma vez que:

A possibilidade de ver o campo inteiro com distanciamento e a autoridade para pronunciar enunciados gerais sobre o passado, presente e potencial futuro da região constitui uma forma difusa e duradoura de poder. Em relação a isso, podemos afirmar que houve uma conquista intelectual da América do Sul, no sentido de apropriação e incorporação da região no interior do campo de visão e espectro de influência do conhecimento acadêmico dos Estados Unidos. As questões institucionais e de desenvolvimento da região não teriam se tornado "problemas" sem um profundo trabalho disciplinar regional nas Ciências Sociais e nas Humanidades. O conhecimento regional era uma pré-condição para a construção da influência e do poder hemisférico (SALVATORE, 2016, p. 5, tradução nossa).¹⁴

A União Pan-Americana, por sua vez, teve um papel essencial na constituição dessa hegemonia. Segundo Salvatore, os Estados Unidos a imaginaram como uma comunidade hemisférica, um terreno virtual para a implementação das agendas de superioridade, assessoria e reforma dos EUA: as conferências pan-americanas e o movimento pan-americano serviram como veículos para diferentes agendas de reforma, desde a puericultura até o feminismo, da preservação das florestas à erradicação da malária e da febre amarela. Além disso, a ideia de "Pan America"

¹² The Pan-American Union (1890-1940). *Boletim* da União Pan-Americana, 1940, 74, p. 201-213.

¹³ O autor usa o termo imperial no sentido de hegemonia, exemplaridade, e suposta superioridade cultural e tecnológica.

¹⁴ Do original: The possibility of viewing the whole field from a distance and the authority to pronounce general statements about the region's past, present, and potential future constituted a pervasive and enduring form of power. In relation to this, we can claim that there was an intellectual conquest of South America, in the sense of appropriating and incorporating the region within the field of vision and range of influence of U.S. academic knowledge. The institutional and developmental issues of the region would not have developed into "problems" without thorough regional disciplinary work in the social sciences and in the humanities. Regional knowledge was a precondition for the construction of hemispheric influence and power.

também serviu para mobilizar as energias de figuras literárias e até mesmo de artistas.

Uma vez apresentada a União Pan-Americana, podemos agora nos dedicar à análise de como seus trabalhos colaboraram para a aproximação interamericana a partir da retórica da existência de um passado comum. Isso pode ser feito por meio da análise de alguns exemplares de uma fonte específica: a coleção de dezenove volumes intitulada "Pan-american Patriots", publicação da União Pan-Americana, composta por dezoito biografias de "patriotas pan-americanos".

A coleção "Pan American Patriots" e a busca por um passado comum para os países do continente americano

O primeiro texto dessa coleção, datada do ano de 1926, se intitula "O pan-americanismo de Bolívar e o pan-americanismo de hoje". Lembremos que, nesse momento, o diretor da UPA ainda era Leo S. Rowe. O autor do texto é o enviado extraordinário e ministro plenipotenciário do Panamá nos Estados Unidos, Ricardo J. Alfaro. A narrativa aponta para uma tentativa de busca por ancestralidade para as iniciativas de integração do presente. Tanto que o autor encerra o texto afirmando, enfaticamente, que Simón Bolívar era o pai do pan-americanismo. Antes disso, porém, o autor nos explica que:

Pan-americanismo não é uma instituição, nem é um sistema. É um estado mental, uma opinião corrente criada por uma série de fatores: continuidade geográfica, a semelhança de instituições, um intercâmbio de interesses econômicos, um *amor pelos princípios democráticos*, a comunidade de aspirações e tendências internacionais. Tal *sentimento continental* não cria propósitos ou projetos. Ele simplesmente interpreta a si mesmo por meio de atos, tendendo a aproximar os *laços sociais, econômicos e culturais* entre as duas Américas (ALFARO, 1926, p. 1, grifo nosso, tradução nossa).¹⁵

Vemos, na citação, um esforço por definir e encerrar os sentidos do pan-americanismo.

A definição que se busca fazer está, de forma evidente, atuando na construção de uma ideia segundo a qual todos os países das Américas teriam os mesmos interesses e que estariam irmanados pela história: expressões tais como amor, sentimento e laços são utilizadas de forma intensa ao longo do texto.

No decorrer da narrativa, Alfaro aponta que o pan-americanismo de Bolívar buscava uma aliança política, a criação de um sistema internacional de defesa, bem como a manutenção da paz entre os países americanos. O *libertador*, contudo, já tinha em vista os "elementos naturais" do atual pan-americanismo, entre os quais o "sentimento de solidariedade continental". A conclusão é automática: a ideia de Bolívar, de uma América livre e unida, teve continuidade temporal, sendo que teria sido no Congresso do Panamá que foram estabelecidos os princípios do pan-americanismo.

Ao comparar o pan-americanismo do passado com o dos dias atuais, o autor indica que, outrora, sua principal característica era a do anti-hispanismo (contrário à Espanha) e da aliança militar. Nos tempos do autor, a década de 1920, o pan-americanismo já não seria mais anti-hispânico. O estudo da história demonstrava que, no passado, ele fora marcado por uma luta da democracia contra o monarquismo. Esse ponto é interessante, pois aqui temos, no texto de abertura da coleção, uma exclusão explícita do Brasil, que, como sabemos, viveu um período monárquico bastante longo. O mais curioso é que, dos dezenove "patriotas pan-americanos", três eram brasileiros: Dom Pedro II, José Bonifácio e Santos Dumont. Os dois primeiros, símbolos do sistema monárquico.

De todo modo, a menção à luta anti-hispânica surge para traçar o paralelo com os anos 1920, quando os ódios da guerra teriam sido supostamente esquecidos, permitindo que o americano de origem hispânica, "*Sem enfraquecer seu espírito de solidariedade continental*" (ALFARO, 1926, p. 7,

¹⁵ Do original: PAN AMERICANISM is not an institution, neither is it a system. It is a state of mind, a current of opinion created by a series of factors: geographical continuity, the similarity of institutions, the interplay of economic interests, a love for democratic principles, the community of international aspirations and trends. Such a continental sentiment does not breed political purposes or designs. It simply interprets itself in acts tending to draw more closely the social, economic, and cultural bonds of the two Americas.

tradução nossa),¹⁶ voltasse seu olhar "com respeito e afeição em direção à nobre origem que lhe deu sua civilização, sua fala, suas maneiras e costumes, sua arte, lei e religião." (ALFARO, 1926, p. 7, grifo nosso, tradução nossa)¹⁷ Com isso, ele teria contemplado, maravilhado, "a 'Gesta', a semente épica da extraordinária raça que, devido à sua descoberta e colonização no Novo Mundo, tem todo direito a *um enorme crédito no balancete do progresso humano*" (ALFARO, 1926, p. 7, grifo nosso, tradução nossa).¹⁸

Dessa forma, o ministro argumenta que o "pan-americanismo dos dias de hoje" não seria antagonista das tendências latinas, pelo contrário, visto que "o americano de extração ibérica traz para a tarefa comum da paz e progresso, que está sendo realizada em nosso hemisfério, a contribuição espiritual de sua *idiosincrasia racial*" (ALFARO, 1926, p. 7).¹⁹

As diferenças entre latinos (às vezes tratados como ibéricos ou hispânicos) e saxões era interpretada pela questão racial, sendo que os ibero-americanos é que eram os "idiosincráticos". E essa diferença peculiar de não ser saxão era tratada como sendo "nossa personalidade", não sendo aconselhável negá-la. Alfaro recomenda, então, que não se devia buscar uma integração à América do Norte através de uma servil imitação de seus modos e costumes. A diferença deveria ser afirmada, sendo inclusive descrita como "poderes espirituais típicos de cada um". Por um lado, a impetuosidade, idealismo, afetividade, cortesia e sensibilidade estética dos "filhos do Sul" e, por outro lado, a compostura, perseverança, energia, iniciativa, bom senso e habilidade de organização daqueles dos "filhos do Norte".

Para que ambos pudessem ter um bom convívio, era preciso a existência de uma doutrina de cooperação, daí a imprescindibilidade do

pan-americanismo, que "nos dias de hoje" seria essencialmente pacífico.²⁰ Sua busca era por 1) intensificar relações comerciais; 2) proteger os tesouros da arqueologia americana; 3) promover o intercâmbio universitário; 4) buscar um vasto conhecimento da produção intelectual dos vários grupos ou nacionalidades; 5) promover a adoção de medidas sanitárias protegendo o tráfego marítimo e a saúde pública; 6) honorificar a memória dos grandes heróis e benfeitores do Novo Mundo; 7) organizar um conjunto de congressos devotados à ciência e à caridade; 8) criar instituições de utilidade pública; 9) estabelecer a uniformidade de nomenclatura, de pesos e medidas, de passaportes, dos princípios da lei marítima; 10) promover o estudo dos problemas sociais; 11) codificar a lei internacional, pública e privada.

A finalidade dessa longa lista seria prevenir conflitos entre os Estados americanos e fornecer o mais amplo escopo possível para a arbitragem, entendido como "o único meio civilizado de decidir conflitos internacionais" (ALFARO, 1926, p. 8). A União Pan-Americana é citada como sendo o órgão executor destes deveres. O item 6, inclusive, é posto em prática com a publicação da coleção "Pan American Patriots", que está sendo aqui analisada.

No fechamento de seu texto, o autor pergunta: quais, então, são os pontos de contato entre o pan-Americanismo de Bolívar e o do presente? Por que afirma-se que o pan-americanismo tem seu nascimento no Congresso do Panamá?

É porque a ideia básica, o conceito fundamental daquele Congresso, é o mesmo que inspira as Conferências dos Estados Americanos de nosso tempo. Como tudo desenvolvido por um *processo evolutivo*, o *sentimento de solidariedade* continental passou do *simples ao complexo*, e hoje se manifesta em múltiplas atividades *que nossos avós* nem poderiam ter sonhado. Mas, assim como o diamante, que

¹⁶ Do original: Without any weakening of his feeling of continental solidarity.

¹⁷ Do original: with both regard and affection toward the noble parent stock which gave him his civilization, his speech, his manners and customs, his art, law, and religion.

¹⁸ Do original: the 'Gesta', the epic deeds of that extraordinary race which, if only because of its discovery and colonization of the New World, has every right to an enormous credit in the balance sheet of human progress.

¹⁹ Do original: The American of Iberian extraction brings to the common task of peace and progress which is being realized in our hemisphere the spiritual contribution of his racial idiosyncrasy.

²⁰ Ressalto aqui que, como analista, entendo que há sim espírito de imperialismo (e não de pacifismo, como afirma Alfaro na fonte citada) nas ações norte-americanas ao sul dos Estados Unidos a partir de fins do século XIX. Nesse sentido, indico a leitura de Mark Berger (1995), o qual busca analisar o *imperialismo* estadunidense na América Latina. Neste exercício, o autor justifica o uso do conceito de imperialismo, uma vez que, a partir dos anos 1970, este deixou de ser apenas sinônimo de colonialismo (estabelecimento formal de colônias), mas passa a designar também o controle e exploração formal e informal de outros povos por estados-nação industrializados e poderosos.

nos deslumbra com seu brilho de milhares de facetas na mesma pedra, sem forma e opaco quando retirado da mina, na cooperação internacional do continente a faísca original do gênio de Bolívar ainda pode ser distinguida. Ontem, assim como hoje, seu principal propósito era a *paz, o progresso e a felicidade* do Novo Mundo. Mas enquanto ontem a paz tinha que ser assegurada pelos meios da guerra, hoje, livre de inimigos, respeitados e fortes em *democracia e fraternidade*, os povos da América podem se dedicar tranquilamente à frutífera tarefa de trabalhar pelo bem-estar comum (ALFARO, 1926, p. 11-12, grifo nosso, tradução nossa).²¹

Expressões como paz, progresso, processo evolutivo, felicidade, democracia, fraternidade e bem comum são mobilizadas a fim de costurar os fios que, nas pretensões da União Pan-Americana, tramariam o tecido da Pan-América. Os outros textos da coleção dão continuidade à cerzidura iniciada no primeiro número. Os personagens biografados são, na ordem: 1) Simón Bolívar; 2) José Artigas; 3) Benito Juárez; 4) Juan Rafael Mora; 5) Francisco Morazán; 6) Bernardo O'Higgins; 7) Simón Bolívar (duas vezes); 8) Dom Pedro II; 9) Miguel Hidalgo; 10) Santos Dumont; 11) Francisco de Miranda; 12) Domingo Faustino Sarmiento; 13) José Bonifácio de Andrada e Silva; 14) José Hipólito Unánue; 15) Miguel Larreinaga; 16) José Martí; 17) Antonio José de Sucre; 18) José de San Martín.

Para que possamos conhecer, em linhas gerais, o conteúdo dessas biografias, será feita, nos próximos parágrafos, uma apresentação sucinta de cada uma delas. Em seguida, será desenvolvida a análise sobre as semelhanças entre os textos, de modo que possamos apreender alguns de seus sentidos possíveis.

Todas as biografias têm um título que busca

chamar a atenção do(a) leitor(a). O primeiro texto dedicado diretamente a Simón Bolívar, por exemplo, se intitula "Bolívar, o profeta". O título já insere o questionamento: profeta do quê? Percebe-se, assim, uma tentativa constante de diálogo com os(as) leitores(as). O autor desse número é Guillermo Sherwell, Secretário da Seção dos Estados Unidos no Alto Comissariado Interamericano.

Segundo Sherwell, Bolívar era um profeta, um gênio, e um símbolo de liberdade. O argumento que se quer consolidar é de que sua profecia teria consistido em ter sido ele o responsável pelo embrião da ideia de Pan-América:

A América está perto da comemoração do Congresso do Panamá, no qual Bolívar deu vida não meramente a um pensamento concreto, mas a um ideal o qual cada dia parece mais claro e próximo de sua realização [...]. Este ideal trata, em torno de uma mesa fraternal, dos nossos problemas comuns. Não há angústia, não há miséria, progresso, ou felicidade experimentada por um dos povos americanos que não seja comum a todos os outros. É ao reconhecimento deste fato que devemos à ideia Pan-Americana, da qual a primeira manifestação tangível foi naquele Congresso e que continua a viver com um crescente vigor e intensidade porque ela satisfaz uma profunda necessidade dos povos americanos que, reconhecendo sua unidade em uma comunidade de origem, não podem se considerar como separados por uma diversidade de destinos. Algum progresso foi feito neste trabalho de união e cordialidade; mas um longo trecho de estrada inexplorada ainda está diante de nós. Nós devemos continuar a avançar com confiança e fé, a fé do Libertador que considerou obstáculos apenas para superá-los, e criou ideais apenas para alcançá-los (SHERWELL, 1926, p. 10, tradução nossa)²².

O segundo número da coleção está diretamente relacionado ao primeiro, uma vez que busca

²¹ Do original: It is because the basic idea, the fundamental concept of that Congress, is the same as that inspiring the conferences of American States of our time. Like everything developing by an evolutionary process, the sentiment of continental solidarity has passed from the simple to the complex, and to-day manifests itself in manifold activities of which our grandfathers could not even have dreamed. But just as the diamond which dazzles us with the gleam of its thousand facets is the same stone, shapeless and opaque when taken from the mine, so in the international cooperation of the continent the original spark of Bolívar's genius may still be discerned. Yesterday, as to-day, its chief purpose was the peace, the progress, and the happiness of the New World. But while, yesterday, peace had to be assured by means of war, to-day, free of enemies, respected and strong in democracy and fraternity, the peoples of America can consecrate themselves in tranquility to the fruitful task of laboring for the common welfare.

²² Do original: America is about to commemorate the Congress of Panama, in which Bolívar gave life not merely to a concrete thought but rather to an ideal which is each day seen more clearly and nearer its realization [...]. It does deal, seated round the fraternal table, with the consideration of our common problems. There is no anguish, no misery, no progress, no happiness experienced by one of the American peoples which are not the common lot of all. It is to the recognition of this fact that we owe the Pan American idea, the first tangible manifestation of which was in that Congress and which continues to live with an ever increasing vigor and intensity because it satisfies a deeply seated need of the American people who, recognizing their unity in a community of origin, can not conceive themselves as separated by a diversity of destiny. Some progress has been made in this labor of union and cordiality; but a long stretch of untrodden road still lies before us. We must continue to advance with confidence and faith, the faith of the Liberator who considered obstacles only to overcome them, and created ideals only to achieve them.

estender o argumento de que o "pai" do pan-americanismo foi Bolívar e de que a consciência dos "problemas comuns" das Américas é sinônimo de progresso. Medidas que considerem essa comunhão de experiências passam a ser diretamente associadas à noção de evolução.

Já o terceiro número da coleção aborda a biografia do General José Artigas (1764-1850), "arauto da independência e fundador do Uruguai". A partir desse número, fica evidente que os textos são dirigidos para o público norte-americano. A coleção "Pan American Patriots", publicada em língua inglesa, buscava apresentar personagens da história ibero-americana ao público estadunidense. Tanto é assim que não há nenhum "patriota" dos Estados Unidos entre os escolhidos – o público interno já conhecia os seus heróis.

Para tornar as paisagens, os povos e as culturas compreensíveis aos estadunidenses, havia uma série de analogias: por exemplo, a explicação de que Artigas era um *gaucho* é seguida do aposto "south american cowboy". Há também um movimento de ler a história da "outra" América a partir das lentes da história norte-americana. Nesse sentido, Artigas é apresentado como sendo uma liderança nas disputas entre os "patriotas" e os espanhóis: é interessante observarmos que temos uma espécie de projeção da narrativa dos "*founding fathers*" da nação estadunidense para os outros povos das Américas. O próprio nome da coleção "Pan American Patriots" parece estar inserido nesse movimento. Assim, ao descrever as ações de Artigas quando da invasão portuguesa de 1816, a autora, Frances Douglas,²³ explica aos(as) leitores(as) que:

Neste mesmo momento, nosso próprio Congresso dos Estados Unidos estava discutindo este extraordinário homem. O Congresso declarou que "o único campeão de democracia nestas regiões é o bravo e corajoso republicano General Artigas" [...]. Ele sacrificou sua fortuna, seu conforto, sua família, as honras que poderia ter, à suprema ambição de formar no Sul uma grande nação, tal como Washington tinha formado no Norte" (DOUGLAS, [19--], p. 4, tradução nossa).²⁴

Essa mesma autora descrita como sendo crítica literária, tradutora e palestrante em "Spanish-American Subjects" é a responsável por adaptar oito das dezoito biografias publicadas pela UPA em língua inglesa.²⁵ O nome do(a) autor(a) original é sempre referenciado (no caso desta biografia, Pedro Ferrari Ramírez), mas o texto passa pela adaptação de F. Douglas. Este é o caso do quarto volume da coleção, cujo esboço havia sido elaborado por Julia Nava de Ruisánchez. O biografado foi Benito Juárez (1806-1872). O texto inicia assim:

Na próxima vez que você pensar no México, pense como um espaço de abundância. O México é abundante em vegetais, cereais, uma rica e infinita variedade de frutas e flores. Não admira que tenha produzido homens notáveis. Um dos maiores (o qual, de fato, foi comparado ao nosso Abraham Lincoln e o qual foi seu contemporâneo) foi um índio. Seu nome era Benito Juárez. Benito Juárez nasceu em San Pablo de Guelatao, uma pequena cidade de Oaxaca, no dia 21 de março de 1806. Seus pais eram índios zapotecas. Os zapotecas são inteligentes, industriais e progressistas, e deles vieram muitos dos melhores líderes, soldados e artistas do México (DOUGLAS, [19--], p. 1, tradução nossa).²⁶

Novamente, a associação entre o patriota descrito e o sentimento progressista se faz presente. Os textos adaptados por Douglas

²³ Segundo informações na página "Coleções especiais" da Universidade do Arizona, Frances Douglas "começou a escrever e traduzir autores espanhóis em 1909, e sua carreira durou várias décadas, durante as quais ela traduziu as obras de muitos autores espanhóis e latino-americanos [...]. Durante as décadas de 1930 e 1940, Frances continuou a escrever e publicar traduções de seus autores favoritos, assim como histórias curtas de sua autoria. Além disso, ela permaneceu ativa dando palestras para vários clubes de mulheres e de livros locais e nacionais." Disponível em: <https://speccoll.library.arizona.edu/collections/frances-douglas-papers>. Acesso em: 3. jun. 2018.

²⁴ Do original: At this very time our own Congress of the United States was discussing this extraordinary man. It declared that: "The only champion of democracy in those regions is the brave and chivalrous republican General Artigas" [...]. He sacrificed his fortune, his ease, his family, the honors he might have had, to the supreme ambition of forming in the South a great nation, such as Washington had formed in the North.

²⁵ Uma informação importante, inclusive, é que das dezoito biografias, dezesseis são escritas por mulheres. A hipótese deste artigo é de que isso está relacionado a duas questões: 1) as mulheres, em geral, escreviam textos de divulgação para públicos amplos; 2) muitos dos materiais voltados para o público interno eram produzidos por demanda dos clubes de mulheres, comuns nos Estados Unidos. Algumas destas escritoras tinham trânsito nestes clubes, como é o caso, por exemplo, de Frances Douglas.

²⁶ Next time you think of Mexico think of it as a horn of plenty. It is over-flowing with vegetables, cereals, a gorgeous and infinite variety of fruits and flowers. No wonder it has produced notable men. One of the greatest (one who indeed has been compared to our own Abraham Lincoln and who lived at the same time) was an Indian. His name was Benito Juárez. Benito Juárez was born in San Pablo de Guelatao, a little town of Oaxaca, the 21st of March, 1806. His parents were Zapotec Indians. The Zapotecs are intelligent, industrious, and progressive, and from them have come many of the best leaders, soldiers and artisans of Mexico.

buscam, de forma evidente, aproximar a figura biografada dos leitores norte-americanos, atribuindo ou ressaltando nas personagens características por eles conhecidas e exaltadas. A busca pela figura do *self-made man* também é digna de nota: "Benito estudou duro, tornou-se advogado [...], mas ele nunca esqueceu que pertencia a uma nação que precisava de um campeão" (DOUGLAS, [19--], p. 3). Segundo a autora, depois de tanto se esforçar, Benito Juárez se tornou presidente do México, em 1857. Ele sofreu várias perseguições e viveu diversos exílios, mas seu governo era reconhecido pelos EUA. Este dado é fundamental, pois é utilizado no sentido de argumentar que haveria uma longa relação de amizade entre estadunidenses e mexicanos. Esses, por sua vez, deveriam ser tratados com justiça e mereciam todo o "nosso respeito", sendo que "não devemos poupar esforços para manter relações de amizade com eles. Juárez nos mostrou o caminho!" (DOUGLAS, [19--], p. 5).

Embora geralmente as ações dos Estados Unidos entre os países vizinhos sejam aplaudidas, especialmente na América Central, em algumas situações é excessivamente forçado fazer de conta que não havia atropelos e atos predatórios. Nesses casos, a saída era responsabilizar alguns indivíduos e, sempre que possível, isentar a nação. É esse o caso quando Douglas aborda a trajetória de Juan Rafael Mora (1814-1860), da Costa Rica, a partir do texto original de Carlos Finesta. Mora é apresentado como sendo um produtor de café que vence na vida após a morte do pai e da superação do endividamento decorrente desta perda do ente querido. Tornou-se presidente em 1852, tendo dissolvido o Congresso, já que os congressistas "não buscavam o bem de todos e queriam minar as instituições sociais". Além disso:

Uma das grandes coisas que ele fez foi salvar a Costa Rica da tirania de um de nossos próprios cidadãos. Às vezes nós nos esquecemos que

os povos hispânicos da América têm razões para não gostar de nós. Nos países ao sul de nós, nossos governos têm cometido graves falhas diplomáticas que têm custado preciosas vidas, mas o povo tem sido tolerante e indulgente. No entanto, nosso governo não foi, de nenhuma forma, responsável pelas atrocidades cometidas em Sonora em 1853, e dois anos depois na América Central, pelo aventureiro do Tennessee, William Walker (DOUGLAS, [19--], p. 3, tradução nossa).²⁷

Francisco Morazán (1792-1842), de Honduras, é o biografado seguinte. Sua biografia foi adaptada também por Frances Douglas, a partir do original de Miguel Morazán. É descrito como sendo símbolo de liberdade e justiça, gênio da guerra e mártir da Federação. A parte que mais chama atenção nesse texto se refere à tentativa de apresentar ao(a) leitor(a) as razões dos confrontos protagonizados pelo *mártir*. Ao explicar os conflitos políticos entre Federalistas e o Partido Conservador, Frances Douglas afirma: "Parece muito ruim que tantas vidas sejam sacrificadas e tanto sofrimento seja causado devido a questões políticas" (DOUGLAS, [19--], p. 3). Sentença semelhante a esta já havia aparecido na biografia de Juan Rafael. É, de certo modo, uma forma de resumir e generalizar a América ao sul dos Estados Unidos aos estadunidenses (especialmente a América Central).

Por mais esforço que se faça, em algumas passagens, para estimular uma *compreensão empática* dos povos vizinhos – no sentido de que, em alguns momentos, a autora convida os(as) leitores(as) a se imaginarem na situação do personagem em questão²⁸ – ainda aparece bem viva uma camada de interpretação que aponta para a impressão de que se trata de povos incompreensíveis, vivendo lutas igualmente incompreensíveis.

A coleção segue em sua apresentação dos patriotas. Quase todos os textos mencionam a existência de estátuas em homenagem aos biografados em seus países de origem, como

²⁷ Do original: One of the greatest things he did was to save Costa Rica from the tyranny of one of our own countrymen. We sometimes forget that the Hispanic peoples of America have reasons for disliking us. In the countries to the south of us, our government has at times committed grave diplomatic blunders which have even cost precious lives, but the people have been tolerant and forgiving. However, our government was in no way responsible for the atrocities committed in Sonora in 1853, and two years later in Central America, by the Tennessee adventurer, William Walker.

²⁸ Segundo José Carlos Reis (2013), compreensão empática foi um conceito cunhado por Wilhelm Dilthey para sugerir que os historiadores deveriam buscar se colocar no lugar dos indivíduos por eles estudados.

atestado de reconhecimento dos seus grandes feitos. Tem-se, inclusive, a impressão de que é uma forma de legitimar a escolha do nome para figurar como representante de seu país nas páginas da publicação da UPA: veja bem, este homem foi grande e é representativo de seu povo, pois foi digno da construção de um monumento, o qual atesta seu reconhecimento público.

É este o caso do General Bernardo O'Higgins (1778-1842), do Chile. O rascunho sobre ele foi feito por Ricardo Donoso e adaptado por Frances Douglas. O número sete da coleção informa que O'Higgins foi um nome importante na luta contra o domínio espanhol, estudou em Lima e na Europa e seu pai era irlandês. A autora destaca que ele trabalhou pelo progresso do país e foi o fundador do Chile.

O oitavo número da coleção traz outra biografia de Simón Bolívar (1783-1830), também adaptada por Douglas. Nesse texto temos informações mais detalhadas do grande homem: o pai de Bolívar descendia de bascos, provinha de uma família rica, seu pai morreu quando ele tinha três anos de idade, e teve um tutor chamado Simon Rodríguez, o qual era adepto das ideias republicanas. Quando tinha vinte e dois anos, na Europa e sob influência de seu antigo tutor, decidiu libertar a América do Sul.

Há, novamente, uma aproximação entre o biografado e as grandes figuras da história dos Estados Unidos: "Bolívar, assim como Washington, esperava que a revolução pudesse ocorrer sem derramamento de sangue" (DOUGLAS, [19--], p. 5). Na conclusão do texto, o estadista é caracterizado como sendo o libertador da Venezuela, Colômbia, Equador e Peru, fundador e pai da Bolívia. Além disso: "Como um homem de Estado, ele elaborou constituições que são modelares. Seu ideal, a união de todas as províncias da América do Sul, foi a primeira sugestão de uma União Pan-Americana" (DOUGLAS, [19--], p. 6).

Até o número nove da coleção, tivemos uma narrativa que enfocava na luta dos biografados por

liberdade e progresso, que em geral apareciam associados aos ideais republicanos. Agora, contudo, chegamos ao número que trata de Dom Pedro II (1825-1891). Esse texto foi escrito por Marie Kiersted Pidgeon, bibliotecária da Benjamin Franklin High School, de Nova York.

A autora inicia afirmando que esse foi o único monarca americano independente. Ela explica que Pedro pai e Pedro filho tinham o nome "Alcântara", que significa ponte em árabe. Segundo ela, os dois foram "pontes": um entre o Brasil colônia e o Brasil independente; o outro entre os Estados Unidos e o Império do Brasil, por sua visita aos Estados Unidos (por ocasião da festa comemorativa aos cem anos da independência dos EUA).

O apelo desse biografado advém do fato de que era "único" e de demonstrar "amizade" pelos Estados Unidos, por meio da visita. Nesse texto em especial, temos uma ênfase às atividades cotidianas do jovem príncipe herdeiro e destaca-se um maior esforço da autora por dialogar com os(as) leitores(as). A linguagem parece ser voltada aos(as) jovens. Há, também, uma indicação de como as histórias do Brasil e dos Estados Unidos se aproximam, como por exemplo, no caso da escravidão. O trecho abaixo, por meio da descrição de uma cena perversa da infância de Dom Pedro (que é tratada pela autora como amável e divertida), introduz o tema:

Enquanto isso, Dom Pedro tinha um bom tempo no país – cavando seu próprio canteiro de flores, velejando barcos na lagoa, e montando nas costas de Rafael até quando o pequeno imperador fez nove anos, quando era grande o bastante para montar um cavalo. Rafael era tão preferido por seu mestre que o escravo de cor era chamado de 'o homem negro com a alma branca', e depois, quando Dom Pedro foi para a Europa, ele levou Rafael com ele [...]. E se tornou a grande ambição de Dom Pedro, assim como era a de Abraham Lincoln nos Estados Unidos, libertar todos os escravos do Brasil (PIDGEON, [19--], p. 2, tradução nossa).²⁹

Marie Kiersted Pidgeon explica que, quando D. Pedro I partiu para Portugal, deixou seus filhos sob

²⁹ Do original: Meantime, Dom Pedro had a good time in the country – digging in his own flower bed, sailing boats on the pond, and riding on Rafael's back until the little emperor was nine and large enough to ride a horse. Rafael was such a favorite with his master that the colored slave was called "the black man with the white soul," and later, when Dom Pedro went to Europe, he took Rafael with him [...]. And it became Dom Pedro's great ambition, as it was that of Abraham Lincoln in the United States, to free all the slaves in Brazil.

a vigília de José Bonifácio. Nesta mesma frase, a autora dialoga com o público: "talvez você já tenha ouvido falar no 'patriarca da Independência', o qual é outro livreto desta coleção" (PIDGEON, [19--], p. 2-3).

A narrativa segue indicando que Dom Pedro II foi coroado em 1840. Os(as) leitores(as) são informados de que ele teve um longo e próspero reinado. O Imperador, contudo, teve que deixar o Brasil no ano de 1889. Isso teria ocorrido porque os escravos foram libertos abruptamente. Esta foi uma das causas do descontentamento do povo brasileiro. E também porque os brasileiros queriam a República.

Dom Pedro II é descrito como sendo amigável e corajoso. Sua coragem era evidenciada pelo fato de ter visitado pessoas com febre amarela no Rio de Janeiro e por ter estado na Guerra do Paraguai. Há também ênfase na figura do Imperador mecenas, incentivador das Artes, e que frequentou quinhentas sessões do IHGB durante quarenta anos.

De modo geral, a narrativa é marcada pela ausência de críticas ao biografado, o que também caracteriza as outras biografias. O discurso oriundo da coleção aqui analisada é, pois, bastante laudatório. Assim como os demais "grandes homens", Dom Pedro é também tratado como herói. A diferença deste texto em relação aos outros é que aqui o acento se dá na vida privada do indivíduo, não sendo abordada a questão da busca por liberdade (em relação aos povos colonizadores, por exemplo). Evita-se falar em República ou em luta contra a tirania. A liberdade que decorre do fim da escravidão é abordada como concessão imperial. A ideia de progresso, ainda assim, está bem presente e aparece quando há a indicação de que D. Pedro II era um fã das inovações científicas.

Já o número dez da coleção informa sobre a vida de Miguel Hidalgo (1753-1811), o padre revolucionário. A autora é Margaret Loring Thomas.³⁰ Thomas afirma que Hidalgo conhecia a língua dos índios e era por eles respeitado. Seu

compromisso era com a luta pela terra. Declarou a independência do México, lutando contra a exploração do povo. Foi capturado e morto, mas ainda vive no coração dos mexicanos, sendo considerado "o pai de seu país". Retoma-se nesta biografia o conceito-chave de liberdade *versus* dominação colonial, já que no número anterior isso não foi abordado. Essa chave é o principal elemento que confere um passado comum aos diferentes povos das Américas, sendo que a busca pelo progresso pela via da modernização é um elemento secundário, mas também estruturante do discurso – e o que dá legitimidade à inclusão do Brasil na narrativa que busca apontar os pontos de convergência entre as trajetórias dos países que compunham a União Pan-Americana.

O número seguinte dos "Pan-American patriots" refere-se ao único biografado que não foi político/estadista, mas sim um inventor: Alberto Santos Dumont (1873-1932). O enfoque é no progresso através do desenvolvimento da Tecnologia e da Ciência, como se a narrativa fosse uma continuidade do argumento posto quando da abordagem sobre D. Pedro II. A autora é Elisabeth Barry.³¹

Barry aponta que Dumont era o décimo filho de um cafeicultor paulista. Os antepassados de seus pais eram franceses. Quando ele tinha 18 anos, a família fez uma viagem para a França. Ele buscou saber mais sobre balões e sua tecnologia, já que o primeiro balão havia sido inventado por um francês. Tempos depois, construiu seu próprio balão e o chamou de "Brazil". Ele foi o primeiro a associar os balões e o motor de petróleo.

Embora o inventor tenha passado parte de sua vida no exterior, a autora se esforça por indicar sua identificação com o Brasil. Ela explica ao público leitor que Dumont recebeu uma medalha e um prêmio em dinheiro do governo brasileiro: "Mas não foi o dinheiro que lisonjeou Santos Dumont; foi o conhecimento de que tinha satisfeito seu povo; o Brasil, seu país, o país que ele amava, estava orgulhoso dele" (BARRY, [19--], p. 9). Em uma coleção que tem o adjetivo patriota no

³⁰ Autora de *The Burro's Money Bag*, *The Packtrain Steamboat* e de *Paulo in the Chilean Desert*.

³¹ A apresentação da autora feita na publicação é a seguinte: professora e autora. Esteve na equipe do Harace Mann e Lincoln Schools of Teachers College, Columbia University, e do International School em Geneva, Suíça; estudou no Guggenheim School of Aeronautics na New York University e viajou para a América do Sul.

título, é compreensível o empenho da autora para evidenciar este pertencimento.

O número doze da coleção é sobre Francisco de Miranda (1759-1816), da Venezuela. A autora é Constance Lindsay Skinner³². Além de apresentar sua trajetória na luta pela independência, Skinner também faz o movimento interpretativo de outros(as) autores(as), no sentido de aproximar o biografado dos(as) cidadãos(ãs) estadunidenses: "para buscar apoio para independência, ele viajou por países independentes para 'estudar suas ideias, sua sociedade, suas instituições, encontrando-se e conversando com Washington, Hamilton, Adams e outros líderes da nossa democracia'" (SKINNER, [19--], p. 2).

A autora do número treze da coleção é a escritora Elsie Spicer Eells³³. Ela aborda a vida de Domingo Faustino Sarmiento (1811-1882), da Argentina. A trajetória do diretor de escola que se tornou presidente da Argentina é uma das mais exploradas pela via interpretativa do *self-made man*. Segundo Eells, o político provinha de uma família muito pobre, mas era bastante estudioso, sendo um grande leitor de História.

A narrativa destaca o aspecto de "fundador de escolas" da trajetória de Sarmiento: fundou uma escola para mulheres na Argentina; em Santiago, ele criou uma escola normal para formar professores (primeira na América do Norte e do Sul). Ao retornar do exílio no Chile, passou a ter envolvimento em políticas educacionais, se tornou governador de sua própria província e, depois, embaixador da Argentina nos Estados Unidos.

Quando ele estava nesta função sua mente estava cheia de ideias para transplantar cada esforço progressivo que ele viu [...]. Ele fundou uma importante revista chamada "Ambas Américas" a qual ele esperava que trouxesse

os dois continentes em simpatia próxima e entendimento entre si. Este foi o começo das esplêndidas atividades nesta direção que nos encontramos nos dias de hoje (EELLS, [19--], p. 4, tradução nossa).³⁴

Elsie S. Eells informa que Sarmiento escreveu um livro sobre Abraham Lincoln, tendo permanecido sete anos em Washington. No ano de 1868 foi eleito presidente da Argentina, sem ter feito campanha. Seu governo teria marcado o início da "Argentina moderna". Sarmiento é analisado como se fosse, ele mesmo, um vetor do desenvolvimento de seu país rumo aos padrões da modernidade, cujo grande exemplo nas Américas eram, no discurso da UPA, os Estados Unidos.

O número quatorze da coleção é sobre José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838). A autora é, novamente, Marie Kiersted Pidgeon. Ela explica que Bonifácio estudou Direito e Ciências na Universidade de Coimbra, foi um dos líderes da independência do Brasil e era contra a escravidão, por entender que todos os brasileiros deveriam ser livres e iguais, brancos ou negros. Segundo ela, Bonifácio seria um entusiasta das ideias pan-americanas já no século XIX:

Todas as nações deveriam deixar o mundo melhor do que elas encontraram, pensava José Bonifácio. E então ele disse: "uma grande aliança ou uma Federação Americana é necessária". O embaixador austríaco no Brasil ouviu do líder paulista, que declarava para vinte diplomatas estrangeiros o quanto uma União Pan-Americana, tal como temos agora, era necessária. Agora que esta "grande Federação Americana" é um fato, vinte diplomatas ainda reúnem-se no belo edifício da União Pan-Americana em Washington, para se encontrarem com nosso secretário de Estado, mas agora cada diplomata representa uma nação Americana, ao invés da Áustria e outros países do velho mundo. Você consegue nomear as vinte repúblicas irmãs dos Estados Unidos da América? (PIDGEON, [19--], p. 9, tradução nossa).³⁵

³² Escritora e autora dos livros *The Ranch of the Golden Flowers* e *The Tiger who Walks Alone*.

³³ A autora teve diversos livros infantis publicados, tendo, inclusive, adaptado alguns dos textos de Sylvio Romero publicados em *Contos Populares do Brasil* em seu livro *Tales of Giants from Brazil*, que trata do folclore brasileiro. Essa informação está contida no prefácio do livro, publicado originalmente em 1918. Para mais informações, ver: EELLS, Elsie Spicer. *Tales of Giants From Brazil*. New York, Dodd, Mead and Company, 1918, 119p.

³⁴ When he was acting in this capacity his mind was full of ideas for transplanting every progressive effort he saw [...]. He founded an important review called *Ambas Americas* (Both Americas) which he hoped would bring the two continents into closer sympathy and understanding of each other. This was the beginning of the splendid activities along this line which we find today.

³⁵ All nations should leave the world better than they found it, too, thought José Bonifacio. And so he said "a great alliance or American federation is necessary." The Austrian Ambassador to Brazil heard the Paulist leader state to twenty foreign diplomats how much a Pan American Union, such as we now have, was needed. Now that this "great American federation" is a fact, twenty diplomats still come together in the beautiful building of the Pan American Union at Washington, to meet with our Secretary of State, but now each diplomat represents an American nation, rather than Austria and other Old World countries. Can you name the United States' twenty sister republics of America?"

A sua presença na coleção dos patriotas pan-americanos, portanto, parece se justificar por Bonifácio ser chamado pela autora de "o pai da União Pan-Americana". Desse modo, a coleção, a cada número, contribui para a constituição do panteão dos ancestrais do pan-americanismo.

O próximo biografado é José Hipólito Unánue (1755-1833), do Peru. A autora é Margaret Lring Thomas, a mesma escritora da biografia de Miguel Hidalgo. Ela nos conta que Unánue era médico e tinha interesse por ciência, e escreveu sobre arqueologia do Peru e sobre a cidade de Cuzco. Segundo Thomas, no início do século XIX, a difusão do saber e do progresso parecia estar levando à prosperidade e ao bem geral das pessoas. Assim, em 1810, Dr. Unánue, bem como outros pensadores de Lima, Buenos Aires, Bogotá, Caracas e Santiago, voltou seus pensamentos aos ideais de liberdade.

Unánue foi figura de liderança na independência do Peru. Foi eleito representante "Constituinte de Cádiz", na Espanha, em 1812. Reticente no começo, depois se uniu a San Martín. Propôs abolição gradual da escravidão. Segundo a autora, os peruanos são orgulhosos de chamar um homem de fama científica, um homem de Estado, um homem que levou uma honrada vida pública e privada de "O pai do seu país." Os(as) leitores(as) deste artigo já devem ter percebido que a narrativa dessa coleção reforça uma ideia pré-concebida – e bastante questionada pelos estudiosos do assunto – de que a nação já estava inscrita, antes mesmo da constituição do Estado, em todos os lugares por onde andaram os patriotas. É a existência deste sentimento, inclusive, que parece impulsionar suas ações.

O número dezesseis segue nessa mesma direção. Ele é dedicado a Miguel Larreinaga (1772-1847), da Nicarágua. O texto original foi escrito por Pablo Hurtado e foi adaptado por Frances Douglas. O biografado é apresentado como um dos maiores patriotas da América Central. Estudioso, tinha sede de conhecimento. Por causa de seu "enorme conhecimento e amor ao progresso" ele parecia destinado a ser professor; "por razões patrióticas ele seguiu avidamente a carreira de professor" (DOUGLAS, [19--], p.

2). Posteriormente, se tornou advogado. São palavras recorrentes para descrevê-lo: heroísmo, patriotismo e posteridade.

O número dezessete é sobre José Martí (1853-1895), de Cuba. É adaptado por Frances Douglas a partir de *Martí, el Apostol*, de Jorge Mañach. Martí é outro dos biografados que nasceu em uma família humilde e que gostava muito de estudar. Se tornou simpático às ideias de Independência em relação à Espanha. José ficou seis anos em uma prisão militar. Foi solto e enviado para Madri. Estudou na universidade de Madri e publicou um livro sobre sua situação de preso político em Cuba. Martí se graduou em Direito na universidade de Zaragoza. Depois disso, foi para o México. Com a eleição de Porfirio Díaz, partiu para a Guatemala. Trabalhou como professor. No ano de 1895 eclode revolução em Cuba e Martí vai para o campo de batalha, onde é morto. Segundo a autora, ele achava que entregar sua própria vida pelo seu país era uma grande honra. José Martí é descrito como líder e mártir da independência cubana.

O penúltimo número da coleção aborda a vida de Antonio José de Sucre (1795-1830), da Bolívia. A autora é Elsie Spicer Eells. Segundo ela, Bolívar é chamado o George Washington da América do Sul. Mas Sucre, que era chamado por Bolívar de "a alma do Exército", era menos conhecido. Era de uma família rica e tradicional. Lutou pela independência. Foi morto aos 35 anos.

O último número da coleção traz a biografia de José de San Martín (1778-1850), da Argentina. O autor é Ernesto Galarza, diretor da Yearlong School (Jamaica States, Long Island, N.Y.). Galarza afirma que, de 1789 a 1811, San Martín lutou pelo Exército espanhol (África, França, Portugal). Voltou para Argentina e lutou pela independência. Divergia de Bolívar quanto a forma de governo que deveria ser estabelecida na América do Sul. Bolívar, que havia lido muito sobre a forma de governo dos Estados Unidos, achava que o sistema deveria ser de repúblicas. San Martín ainda achava que deve ser monárquico. Se negou a aderir a conspirações. Foi morar na Europa no ano de 1824 e lá faleceu, em 1850. Segundo o autor, deveria ser considerado como um "exemplo

de altruísmo": aquele que abriu mão de seus desejos individuais e familiares para lutar em nome de uma causa maior.

Após esta exposição geral sobre as escolhas e ênfases dadas nas narrativas biográficas publicadas pela UPA, podemos nos ater ao gênero textual aqui empregado e aos seus usos. Nesse sentido, Sabina Loriga (1998) afirma que, no século XVIII, a opinião de que o destino individual dos homens ilustres permitia compreender as escolhas de uma nação era largamente compartilhada. Já no século XIX a dimensão biográfica perdeu seu interesse com a preferência dada a uma visão providencial da história:

Quando os acontecimentos do mundo, dos mais diversos até os mais aberrantes, foram integrados dialeticamente numa perspectiva escatológica (a de um desenvolvimento infinito e necessário do gênero humano), os indivíduos apareceram como instrumentos da razão, que cumpriam algo que eles não podiam nem mesmo compreender [...]. Numa compreensão teleológica do devir, em que a humanidade, num parto trabalhoso, realizava seus fins superiores, o indivíduo era esmagado pela lei. Uma lei dramática e implacável, porque isenta de toda contingência (LORIGA, 1998, p. 230).

A autora indica que os historiadores positivistas, embalados pelos filósofos, se revelaram os mais dispostos a sacrificar o caráter finito e pessoal da vida humana em nome da continuidade da história. Eles negavam as descontinuidades, já que o historiador devia escolher apenas as ações que aprimoraram a organização social e as iniciativas que fizeram a humanidade avançar em direção a seu verdadeiro fim. Apesar disso "a maioria dos historiadores do século XIX não aceitava privilegiar as uniformidades em detrimento das particularidades do passado, principalmente das especificidades nacionais" (LORIGA, 1998, p. 232). Dessa forma, as tonalidades heroicas, ou mesmo titânicas, tornaram-se particularmente vivas na metade do século XIX. Por oposição a uma concepção positivista da história, baseada no princípio da necessidade, a maioria dos historiadores buscou valorizar na humanidade suas capacidades criadoras e seu potencial de ação.

Esses historiadores, contudo, teriam se limitado a reivindicar os direitos do homem que faz a

história (Maomé, Dante ou Lutero); os outros, os comuns dos mortais, deviam contentar-se com um tratamento coletivo. Assim, o princípio da individualidade podia aplicar-se a todos os povos e a todas as nações do mundo ocidental, mas não a todas as pessoas. Os personagens de Carlyle, por exemplo, não eram simples mensageiros de uma ideia universal, mas os profetas da realidade, seres conscientes das relações de força e de sua culpa. Segundo Benito Schmidt (2014), as biografias modernas, em consonância com o movimento de individualização que perpassa as sociedades ocidentais, ressaltam as qualidades singulares do herói, inclusive sua possibilidade de transgredir as normas sociais em prol de ideais que só se realizarão no futuro; por outro, mostram como esse herói encarna valores e qualidades coletivas de um grupo restrito (a nobreza, por exemplo, no caso das biografias cavalheirescas), da nação, ou mesmo de toda a humanidade.

De certa forma, esta caracterização se aplica às biografias aqui estudadas, uma vez que elas contribuem para a valorização das ações individuais dos heróis. Vemos, portanto, que a biografia, conforme utilizada na coleção "Pan American Patriots" esteve muito próxima daquela tradicionalmente associada às histórias nacionais, cuja finalidade era, frequentemente, a exaltação dos grandes homens que atuaram na construção da nação.

Considerações finais

Considerando o que foi dito até aqui, podemos afirmar que um dos efeitos possíveis das narrativas que serviram de fonte para este artigo foi o de ressaltar alguns grupos e de obliterar outros. Sabemos que isso é inerente ao próprio ato de narrar, mas buscou-se aqui destacar que o discurso pretensamente inclusivo dos volumes acima analisados deixa muitos atores relegados à margem da história, se não ao completo esquecimento. Este movimento aproxima o fenômeno de busca pela construção da identidade interamericana ao das construções das identidades nacionais, fortemente marcados por escolhas excludentes, como bem nos mostrou Benedict Anderson (2008).

No primeiro volume da série, Ricardo Alfaro explica que, por meio de um processo evolutivo, o sentimento de solidariedade continental passou do simples ao complexo de tal forma intensa que “nossos avós” (ALFARO, 1926, p. 11) nem poderiam ter sonhado. Cabe, nesse sentido, o seguinte questionamento: se de fato essa aproximação aconteceu, será que os “nossos avós” ficariam dela orgulhosos? Isso vai depender muito de quem são os avós evocados. Pelo que vimos, sabemos que os biografados, em sua maioria, têm origem europeia. Os povos nativos das Américas ou a população negra estão pouco representados nos biografados (Benito Juárez é o único que tem a ascendência não-europeia mencionada, já que descendia de índios zapotecas).³⁶

Nesse sentido, é importante retomar as considerações de Walter Mignolo (2007), segundo o qual, entre os *criollos* do século XIX, houve um amplo esquecimento dos povos indígenas, fossem como elemento constituinte de ancestralidade, ou ainda como parte das nações em processo de constituição. Algo muito semelhante está em curso no período aqui estudado. A fim de ressaltar a modernização da América ao sul dos Estados Unidos – concepção esta de modernização que estava diretamente associada à adesão ao pan-americanismo e aos ideais de progresso (manifestos, por exemplo, no sistema político republicano e nas inovações tecnológicas) – foram enfatizadas figuras que, se não eram elas mesmas descendentes de europeus, se vinculavam e filiavam aos modelos de sociedade europeus e/ou norte-americanos. Tais considerações finais, por sua vez, vão ao encontro da perspectiva de Ricardo Salvatore (2016) segundo a qual a pan-americanismo esteve associado à conquista intelectual da América do Sul.

Referências

ALFARO, Ricardo J. The Pan Americanism of Bolívar and that of today. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 1, 1926.

BARRY, Elisabeth. Alberto Santos Dumont of Brazil. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 11, [19--], 11p.

BERGER, Mark T. *Under Northern Eyes*. Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1995.

DOUGLAS, Frances. Benito Juarez of Mexico. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 4, [19--].

DOUGLAS, Frances. Bernardo O'Higgins of Chile. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 7, [19--].

DOUGLAS, Frances. Francisco Morazan of Honduras. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 6, [19--].

DOUGLAS, Frances. *Jose Gervasio Artigas of Uruguay*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 3., [19--], 7p.

DOUGLAS, Frances. *Jose Marti of Cuba*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 17, [19--], 12p.

DOUGLAS, Frances. *Juan Rafael Mora of Costa Rica*. Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 5, [19--], 8p.

DOUGLAS, Frances. *Miguel Larreinaga of Nicaragua*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 16, [19--].

DOUGLAS, Frances. *Simón Bolívar of Venezuela*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 8., [19--].

EELLS, Elsie Spicer. *Antonio Jose de Sucre of Bolivia*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 18, [19--], 9p.

EELLS, Elsie Spicer. *Domingo Faustino Sarmiento of Argentina*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 13, [19--], 8p.

EELLS, Elsie Spicer. *Tales of Giants From Brazil*. New York: Dodd, Mead and Company, 1918. 119 p.

EL BOLETÍN de la Unión Panamericana como Interprete del Panamericanismo. 1949. Arquivos do Columbus Memorial Library.

GALARZA, Ernesto. *Jose de San Martin of Argentina*. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 19, [19--].

LORIGA, S. A biografia como problema. In: REVEL, J. (org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

MIGNOLO, Walter D. *La idea de América Latina: La herida colonial y la opción decolonial*. Barcelona: Gedisa Editorial, 2007. 241 p.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del Signo, 2010.

³⁶ Isso não significa que alguns dos “patriotas” não tenham defendido os direitos da população indígena, negra ou mestiça.

MINELLA, Jorge Lucas Simões. *Pan-americanismo no Brasil: uma abordagem conceitual a partir do Estado Novo*. Dissertação (Mestrado) -- Programa de Pós-Graduação em História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

PIDGEON, Marie Kiersted. Dom Pedro II of Brazil. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 9, p. 1-15, [19--].

PIDGEON, Marie Kiersted. Jose Bonifacio de Andrada e Silva of Brazil. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 14, p. 1-16, [19--].

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do Poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 73-117.

REIS, José Carlos. Wilhelm Dilthey. In: MALERBA, J. (org.). *Lições de História: da história científica à crítica da razão metódica no limiar do século XX*. Porto Alegre, FGV: Edipucrs, 2013. p. 111-130.

ROWE, L. S. The Pan-American Union and the Pan-American Conferences. *Bulletin of the Pan-American Union*, Washington, D.C., n. 74, p.193-200, 1940.

SALVATORE, R. *Disciplinary conquest: U.S. scholars in South America*. [S. l.]: Duke University Press, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1215/9780822374503>

SCHMIDT, Benito. Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética. *História*, São Paulo, v. 33, n. 1, p. 124-144, jan./jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-90742014000100008>

SHERWELL, Guillermo. Bolivar, The Prophet. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 2, 1926.

SKINNER, Constance Lindsay. Francisco de Miranda of Venezuela. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 12, [19--].

THE PAN American Union (1890-1940). *Bulletin of the Pan-American Union*, Washington, D.C., n. 74, p. 201-213, 1940.

THOMAS, Margaret Loring. Miguel Hidalgo of Mexico. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 10, [19--].

THOMAS, Margaret Lring. Jose Hipolito Unanue of Peru. The Pan American Union, Washington, D.C., Pan American Patriots, n. 15, [19--].

WASSERMAN, C. Ruy Mauro Marini: o exílio político e o surgimento de um latino-americanista. In: WASSERMAN, C.; DEVÉS-VALDÉS, E. (org.). *Pensamento latino-americano: além das fronteiras nacionais*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010. p. 33-50.

Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, Porto Alegre, RS, Brasil), professora do Instituto Federal de Santa Catarina – Câmpus São Carlos, SC, Brasil.

Endereço para correspondência

Gabriela Correa da Silva

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina

Rua Aloisio Stoffel, 1271

Jardim Alvorada, 89885000, Sala dos professores.

São Carlos, SC, Brasil